

LIESV – Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais

GRESV Paraíso da Folia

Carnaval Virtual 2026

Título: “A rocambolesca estória do homem que só procurava seu boi, mas achou a mulher-salamandra e a alma penada, no meio da Salamanca gaúcha”

Sinopse: Thiago Tartaro

O Brasil é mundo misturado. Aqui descendente de indígena tem nome em alemão, mouro se tromba com Anhangá, gruta tem nome de cidade, mosteiro vira ninho de cortejar, tem palavra santa, fada, encantado e tarub. Confusão organizada, união de contrário, folclore erudito. E tudo termina em tesão ecumênico na quarta de cinzas.

Um dia no pampa do sul brasileiro, no meio de planície e de araucária, o cara de nome azul, Blau, cuidador de cavalos gordos, procurava seu boi barrento fugitivo. Blau era mestiço, meio do povo de imigração com influência europeia, meio de família nativa charrua.

Nonada, Blau encontra uma translúcida alma penada e a ela narra a lenda da Salamanca do Jaraú. Ali no Jaraú (assim se chamava a redondeza) havia uma Salamanca, o que no Brasil é gruta, mas na Espanha era cidade povoada e tocada pelos mouros. Na Salamanca de lá tinha um condão encantado por sacerdotes de Alá, posse antiga de um poderoso mandachuva médio-oriental. O rubro condão continha sua filha, uma virgem adormecida, que ali fora aprisionada pois estava com vontade de se enamorar com cristãos, o que configurava haraam. Os mouros da Salamanca de lá navegaram ao Brasil e praqui trouxeram o objeto, mas ele numa gruta foi perdido. Por isso, gruta no pampa ganhou nome de cidade espanhola: Salamanca.

O penado espírito estende e mistura a estória de Blau. Diz que há anos estava encantado no Jaraú. Antes ele era um jovem monge jesuíta, em tarefa de ajudar a colonizar o sul do país. Um dia, ao caminhar, viu uma salamandra ardente saindo d’um lago, guardou o bicho num vidro e o levou pra sua Missão. Lá a salamandra saiu do vidro, revelou-se formosa mulher, de pele oliva, olhos cor de mel, roupa de dançarina de tarub e um rubi decorando o ornamento de sua cabeça. Ela disse: “Eu sou a Teiniaguá, o condão perdido dos mouros”. Ora, era justamente o fim da lenda que Blau começara. Continuou o espírito: outros monges flagraram a voluptuosa virgem no espaço sacro e notaram o

clima de flerte. Mistura amaldiçoada, pecado. Por isso, o jovem monge foi condenado à morte, mas no momento da execução, a mulher-salamandra o encanta em espírito vagante do Jaraú, que só poderia se livrar disso se fosse cumprimentado três vezes com os dizeres sacros *Laus Sus Cris*.

Blau cumprimenta o espírito pela primeira vez, *Laus Sus Cris*, e diz que vai entrar na Salamanca do Jaraú atrás da Teiniaguá, pra tirar satisfação. No espaço mágico encontra ouro, rubis de fogo, fadas, espíritos, mulheres quiméricas, lascívias. No fim da caverna, a Teiniaguá salamandra o oferece uma bolsa de dinheiro infinito, que na mistura de lendários que é o Brasil, a ela fora já há algum tempo dada por Anhangá, o encantado Guarani, cervo de galhadas reluzentes.

Com grana que não mais acabava, Blau sai dali e adquire posses nos campos, cabeças de gado, fica rico. Contudo, a bolsa de dinheiro era feitiço indígena: a obra do Anhangá tinha dinheiro infinito sim, mas de maldição e mau agouro. Blau volta ao espírito translucido, recita o cumprimento mais duas vezes, *Laus Sus Cris Laus Sus Cris*, e quebra tudo o quanto encantamento fosse.

O rocambole de questões então se resolve: a Teiniaguá vira mulher moura de novo, o espírito vira o primeiro guri gaúcho de quadro costado e ambos podem finalmente concluir o amor miscigenado, que no fim povoou o pampa e incutiu toda magia narrada até aqui no maravilhoso povo gaúcho. Mito de origem. A bolsa de dinheiro infinito desaparece. A Salamanca do Jaraú volta a ser gruta natural, preservando seu nome. Blau vai embora feliz e a confusão acaba, nonada misturado do pampa brasileiro e agora gaúcho. Estória contada, esquecida e relembrada carnavalesticamente, ontem na roseira, hoje na Paraíso da Folia.

Roteiro: Thiago Tartaro

Prólogo: Blau, o cara de nome azul, no pampa do sul

Comissão de Frente: O boi barrento e o cavalo gordo

Ala 1 (baianas): Ancestralidade Charrua

Ala 2: Blau em meio a araucárias

Setor 1: A versão blauesca da estória

Destaque de chão (masculino): A alma penada

Alegoria 1 (abre alas): A Salamanca de lá

1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira: O rubro condão encantado

Carnaval 2026

Ala 3: Os sacerdotes e mandachuvas de Alá

Ala 4 + Tripe 1: Espanhóis e mouros em navegação

Ala 5: A chegada ao Brasil

Setor 2: A alma penada estende a estória de Blau

Alegoria 2: A Missão

Ala 6: Jesuítas

Ala 7 (+Tripé 2?): Sai a Teiniaguá da lagoa ardente

Ala 8: Pecado do amor proibido entre a mulher-salamandra e o monge

Ala 9: A condenação do encantamento

Setor 3: A Salamanca do Jarau

Alegoria 3: A Salamanca do Jarau

Ala 10: Ouro e rubis

Ala 11: Fadas

Ala 12: Espíritos e mulheres quiméricas

Ala 13: Sexo

2º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira: Blau encontra a Teiniaguá

Setor 4: Blau rico?

Destaque de chão: A força Guarani

Alegoria 4: O poder de Anhangá

Ala 14: A bolsa de dinheiro infinito

Ala 15: Cabeças de gado e terras

Ala 16: A coruja dos maus agouros

Ala 17: *Laus Sus Cris*

Setor 5: O rocambole de questões se resolve

Destaque de chão: Estória contada na roseira

Alegoria 5: O amor multicultural

Ala 20 (bateria): Gaúchos de quadro costado

Ala 21 (crianças): A Salamanca natural

Ala 22 + Tripés/elementos alegóricos: O mágico povo gaúcho

Velha Guarda

Glossário

Alá: deus supremo da religião islâmica.

Charrua: etnia pré-colombiana característica das regiões sudoeste e sul da América do Sul, inclusive parte do atual Rio Grande do Sul.

Condão: feitiço, magia. Na narrativa regionalista de Lopes Neto, especificamente, o termo é utilizado como sinônimo de “pedra mágica”, “joia encantada”.

Haraam: pecado, em idioma árabe.

Laus Sus Cris: termo adaptado do latim na literatura popular gaúcha, e que significa “louvado seja Jesus Cristo”.

Missão: nome dado à moradia de monges jesuítas durante a colonização do Brasil.

Mouro: sinônimo de árabe, ou de povo médio-oriental de língua árabe.

Nonada: neologismo usado na literatura regionalista para expressar “no nada”, ou “em campo aberto”.

Praqui: termo de tradição oral que expressa “para cá”, “até aqui”.

Rocambolesca: adjetivo dado a narrativas cheias de peripécias, aventuras e exageros.

Tarub: dança árabe tradicional, dança do ventre.

Referências bibliográficas

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo. Global. 2012.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo. Global. 2012.

NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre. Globo. 1965.

OLIVEIRA, Francisco José D’Athaíde. *As mouras encantadas e os encantamentos no Algarve*. Tavira. 1978.

OURIQUE, João Luís Pereira e outr. As vozes da lenda da Salamanca do Jarau. In: *Revista de Estudos Literários da UEMS*. V1 N 38. 2024. 257-267.

ZABOROSKI, Elisângela Aparecida. As mouras encantadas: um panorama das lendas ibéricas à Teiniaguá simoniana. In: *Revista Litteris*. N 8. Setembro de 2011.